

CERIMÔNIA DO ADEUS

Suzano - 2008

Às vezes, temos a sensação de que encontramos a pessoa certa no momento errado. A afinidade é grande, o clima de sedução acontece, a relação é madura e forte. A gente se sente à vontade, revela segredos, invade e é invadido. Criamos um mundo à parte. Fica sempre um olhar comprometedor, uma palavra de carinho, um cuidado, um bem querer, uma preocupação e as coisas acabam crescendo sem a gente perceber. E o engraçado é que tudo isso acontece sem querer, é como se o destino caprichosamente fosse cuidando de tudo, estabelecendo e fortalecendo a relação aos cuidados do tempo. Mas apesar disso, alguma coisa está fora da ordem, fora do tempo. Tudo teria de ter acontecido antes, bem antes, mas o tempo é hoje. E hoje, as coisas parecem impossíveis. E fica a sensação do vazio, a frustração do que podia ter sido e não foi. Essa peça surge dessa impossibilidade, da relação de duas pessoas que se gostam, mas que não podem ir a fundo por uma série de motivos. A peça retrata a vida de uma funcionária pública (Carla), que após um relacionamento longo está prestes a se casar. Mas que está confusa e com medo de dar esse passo. Toda essa dúvida e angústia são compartilhadas com Wladimir, seu amigo de trabalho. Os dois construíram uma relação que extrapola a amizade, mas não chega a ser de amantes. Carla é sensível, apaixonada, mas muito medrosa e difícil de aceitar mudanças. Wladimir também é sensível e apaixonado, porém, é determinado, sem medo de experiências. É Wladimir que, às vezes, fazendo o advogado do diabo, chama Carla para a realidade, agravando o conflito. A história é baseada em fatos reais com detalhes de ficção. Enfim, uma história como muitas outras: dois personagens com vidas e experiências bem diferentes, mas muito ricas. E essa peça só surgiu por esses encontros e desencontros, não houvesse tantos desacertos, talvez a história fosse outra. Talvez, nem houvesse uma peça. Enfim, eis a peça.

Cerimônia do Adeus

texto de Walmir Pinto

Sexta-feira, 18 horas, Carla se prepara para ir embora. Ela, que é funcionária pública, inspeciona alguns papéis, arruma sua mesa, dá uma organizada na sala, apaga as luzes e, quando abre a porta para sair, é surpreendida por Wladimir. Assusta-se e se mostra um pouco desconcertada.

Carla – Você? A essa hora? O que é que você quer?

Wlad - Falar com você.

Carla – Já é tarde... Eu estou atrasada, podemos deixar para outro dia?

Wlad – É só um minuto.

Carla – De verdade, eu estou com pressa, a gente se fala depois. *(Tenta sair, Wlad entra na frente).*

Wlad – Depois pode ser tarde.

Carla- *(Hesita um pouco e acaba cedendo)* Está bem, vamos lá; mas eu não tenho muito tempo. Qual é o assunto? *(Wlad entra).*

Wlad – Você sabe o assunto.

Carla – Não, não sei.

Wlad – Sabe sim.

Carla – Já disse que não sei, não sou advinha.

Wlad – Deixa de ser boba. Você sabe muito bem por que estou aqui.

Carla – Vamos parar com essa conversa. O que é que você quer?

Wlad – *(Pausa)* Que você seja feliz.

Carla – Ah! Muito obrigada. E você veio aqui pra me desejar felicidade, é isso?

Wlad – Não! Eu vim aqui pra dar uma chance de você ser feliz.

Carla – Posso saber como?

Wlad – Primeiro, evitando a besteira que você quer fazer.

Carla – *(Pausa - Carla tenta disfarçar um incomodo)* Já está tudo resolvido. Não há mais nada que eu possa fazer.

Wlad – Você pode sim.

Carla – Posso? O quê?

Wlad – Desistir dessa ideia.

Carla – E quem disse que eu quero desistir de alguma coisa?

Wlad – Eu disse!

Carla – Baseado em quê, posso saber?

Wlad – *(Chegando perto de Carla)* Baseado no que eu vejo em seus olhos.

Carla – *(Os dois se olham fixamente até Carla fugir do olhar de Wlad)* Você está enxergando demais sabia?

Wlad – Eu não apenas vejo, eu sinto também.

Carla – Sente o quê hein? Sente o quê?

Wlad – Sinto que você é uma boba, e que vai fazer algo contra sua vontade só para satisfazer a vontade de outros.

Carla – Você está maluco! Não sabe o que está dizendo.

Wlad – Eu sei sim. O pouco tempo que a gente se conhece já deu pra descobrir muito sobre você.

Carla – *(Pausa. Os dois se olham fixamente novamente, dessa vez, à distância)* Olha, vamos parar com esse papo que eu preciso ir embora. Já está tudo marcado, jurado, sacramentado. Eu não posso fazer nada. Aliás, ninguém pode fazer mais nada a essa altura.

Wlad – Engano seu, eu posso!

Carla – *(Fica paralisada, sente que é uma ameaça)* E você pode fazer o quê, posso saber?

Wlad – *(Pausa)* Hoje é sexta... Eu posso... Prender você aqui até segunda-feira.

Carla – Você ficou doido, “maluqueceu”! Olha, deixa de brincadeira que eu preciso ir, tá legal! *(Pega sua bolsa e tenta sair, Wlad entra na frente).*

Me deixe passar Wlad!

Wlad – Espera só mais um pouco.

Carla – *(Carla tenta passar e fica bem perto de Wlad). (Os dois se olham fixamente de novo, quase se beijando). Por favor!*

Wlad – A gente ainda não terminou a conversa.

Carla – *(Saindo)* Eu não tenho mais nada pra conversar com você.

Wlad – Tem certeza disso?

Carla – Tenho.

Wlad – Acho que você não tem não.

Carla – Tenho sim, tudo o que tinha para dizer já disse, não resta mais nada.

Wlad – Mas eu tenho. Tenho muita coisa pra te dizer.

Carla – Por favor, Wladmir, você sabe que eu preciso ir. Tenho muita coisa pra fazer ainda hoje. Amanhã vai ser um dia difícil pra mim.

Wlad – Eu não sei de nada. Só sei que preciso falar com você.

Carla – Se eu demorar muito, vão ficar preocupados comigo, vão me ligar...

Wlad – Você não atende.

Carla – Aí vão querer vir atrás de mim, vai ser pior! Deixe-me ir.

Wlad – Só depois que a gente conversar.

Carla – *(Pausa)* Está bem, você venceu. *(Carla leva Wlad até uma mesa, os dois se sentam frente a frente, dão as mãos e ficam alguns segundos se olhando).*

Wlad – Você sabe o quanto é importante pra mim.

Carla – Você também é importante pra mim.

Wlad – Não quero te perder.

Carla – Você não vai me perder.

Wlad – Desiste dessa ideia.

Carla – Não posso! Não dá mais.

Wlad – Dá sim, é só você querer.

Carla – Por favor, não insista, vai ser amanhã.

Wlad – Até amanhã ainda falta muito tempo. Você pode pensar melhor e mudar de ideia.

Carla – Eu já pensei muito, muito mesmo, agora não dá mais.

Wlad – Há pouco tempo atrás você estava quase chutando tudo para o alto!

Carla – É, eu quase chutei mesmo. Pedi uma semana, lembra? Mas aí, quando eu estava decidida a chutar tudo, aconteceu... Você sabe...

Wlad – É, eu sei, você...

Carla – Pois é! Aí mudou tudo de novo. Não dava mais pra pular fora.

Wlad – Eu não entendo essa relação. Você escondeu dele, até da sua mãe você escondeu. Só contou pra mim. Até que... bom... Só aí você contou.

Carla – Ele não me perdoa até hoje por isso. Mas tinha de ser assim.

Wlad – Olha, durante todo esse tempo da nossa convivência, embora nosso contato não tenha sido tão grande, eu aprendi a te conhecer e a gostar de você. Você é uma pessoa muito especial.

Carla – Você também sabe que sinto muito carinho por você.

Wlad – Sei lá, o pouco tempo que estivemos juntos, de verdade, eu conheci a sua história, sua vida. Você me contou segredos. A gente podia ter vivido uma grande história de amor.

Carla – É podia... Mas, não vivemos.

Wlad – O que é que faltou?

Carla – A gente se apaixonar de verdade um pelo outro.

Wlad – Faltou mesmo?

Carla – *(Pausa - Carla disfarça)* É melhor deixar pra lá, agora é tarde. Erramos no tempo, isso tinha de ter acontecido lá atrás.

Wlad – Será que você nunca vai viver a sua vida? Vai viver sempre a vida dos outros?

Carla – *(Tentando desconversar)* Está ficando cada vez mais tarde. Deixe-me ir agora.

Wlad – Eu deixo... Assim que a gente terminar essa conversa.

Carla – Mas o que é que você quer pelo amor de Deus? Essa conversa não vai dar em nada.

Wlad – *(Frio e seco)* Primeiro desliga o seu celular!

Carla – O quê?

Wlad – Desliga o celular.

Carla – Pra quê?

Wlad – Pra ninguém te incomodar é óbvio. Você nunca consegue dar um passo sem dar satisfações. Pelo menos neste momento se desliga um pouco das pessoas que te cercam e viva a sua vida. Nem que seja apenas nessa conversa.

Carla – *(Carla fica um tanto nervosa, mas desliga o celular)* Onde é que você quer chegar?

Wlad – Você já vai saber. *(Wlad desliga todos os aparelhos de telefones da sala e o seu celular)* Pronto. Agora estamos livres e sós. Ninguém vai nos perturbar, podemos conversar à vontade.

Carla – *(Um pouco assustada)* Você disse que ia me deixar ir embora assim que terminasse a conversa.

Wlad – E vou deixar. Não se preocupe. Mas ainda não terminamos. *(Pausa grande)* Acho que esse é seu primeiro momento de liberdade plena!

Carla – Você chama de liberdade estar presa aqui com você?

Wlad – É, é isso mesmo. *(Wlad olha o relógio)*. À essa hora todos já foram embora. Estamos apenas nós dois aqui sem ninguém pra atrapalhar, telefones desligados. Absolutamente ninguém neste prédio até segunda-feira. *(Vai até a janela e observa)*. Só nós dois e a imensidão da noite lá fora. Há quanto tempo você não tinha um minuto assim, livre...?

Carla – Eu nunca tive esse momento assim “livre”, você sabe!

Wlad – Pois é! A garotinha que o pai ia levar e buscar todos os dias na escola. Você morria de vergonha, você me contou. Pedia pra ele ficar na esquina pra suas amigas não verem.

Carla – Preocupação de pai, ora!

Wlad – Não te deixava sair à noite, nem aos finais de semana. Não tinha amigos. Só na escola e as primas.

Carla – E as vizinhas da rua!

Wlad – Aí a garotinha cresceu mais um pouco e arrumou um emprego pra ajudar e conquistar a confiança dos pais.

Carla – E conquistei, sabia?

Wlad – Conquistou! E quando ia dar seu grito de liberdade... Conheceu o namorado, divorciado e com dois filhos. Aí o grito de liberdade ficou preso na garganta.

Carla – Não é tão ruim assim, ele me ensinou muita coisa.

Wlad – E pra piorar, o cara não gosta de sair. Não gosta de cinema, teatro... Não gosta da noite... Beber com os amigos! E a garotinha há dez anos está enclausurada na companhia de um chato que não sabe o que é viver e agora vai se casar com ele. E você diz que não é tão ruim assim?

Carla – Não, não é!

Wlad – Ora Carla, você mal saiu da tutela dos pais e foi viver sob a tutela de um... namorado. Você mal consegue respirar sem eles estarem em cima de você. Você não dá um passo sem eles saberem onde você está.

Carla – Não é bem assim.

Wlad – Como não é bem assim? Das poucas vezes que saímos, fomos jantar, o seu telefone não parava de tocar a cada cinco minutos. Eles medem os seus passos, controlam a sua vida. E você se submete a isso. Você aceita tudo.

Carla – *(Chorando e gritando)* Eu sempre fui assim.

Wlad – Esse é seu problema. Você sempre foi assim e não faz nada pra mudar.

Carla – *(Chorando ainda mais)* Mas eu não quero mudar.

Wlad – Você quer sim! Você quer sim, mas não admite.

Carla – *(Chorando ainda)* Não quero não.

Wlad – Você não viveu nada. Não tem amigos, não sabe o que é uma noite, nunca se divertiu, nunca tomou um porre. Você só conhece seu trabalho e sua família, só isso.

Carla – *(Desesperada)* Pára, pára... Pára, por favor, pára.

Wlad – Você tem medo de viver, de se apaixonar. Tem medo da vida, do mundo, de se relacionar. Tem medo de tudo. Você está tensa, explodindo, você é um vulcão e vai explodir a qualquer momento.

Carla – *(Chorando)* Eu não aguento mais. Pára!

Wlad – E sabe o que é pior nisso tudo? É saber que você só teve esse cara. Que você nunca teve outro homem em sua vida. E ainda por cima vai se casar com ele.

Carla – E qual o problema nisso?

Wlad – Você não conhece a vida, não conhece o mundo e não conhece os homens.

Carla – Você é um machista deplorável.

Wlad – E você é uma idiota que não sabe de nada.

Carla – Você vê o mundo somente pela sua ótica. Você analisa as pessoas de acordo com os seus conceitos.

Wlad – Eu vejo a vida como ela é. Você vai quebrar sua cara com esse casamento.

Carla – Quem disse que pra viver é preciso fazer as coisas que você faz? Sair numa noitada, tomar um porre, ter outras pessoas. Eu já tive vontade sim, de fazer tudo isso. Já tive vontade! Mas não sou menos feliz porque não fiz. Eu gosto de estar com minha família, gosto do sossego da minha casa, gosto do meu trabalho e gosto de ter sido mulher de um homem só. Não vejo nada de errado nisso. Talvez eu até quebre minha cara mesmo com esse casamento. Mas o que é que eu posso fazer agora?

Wlad – Você não enxerga nada mesmo. Não adianta.

Carla – Eu posso não enxergar, mas não tenho essa visão torta do mundo. Essa visão míope das coisas.

Wlad – Prefiro ser míope a ser cego!

Carla – Vá para o inferno!

Wlad – *(Wlad chega próximo de Carla e fala bem pertinho dela)* Olha; eu gosto do seu jeito, admiro você, sua luta, mas não me venha com puritanismo não, tá legal? Pensa que eu não sei que você gosta de ser desejada, admirada. Por que você me provoca e tenta me seduzir hein?

Carla – Você está louco, eu não tento nada. Não sei do que você tá falando.

Wlad – Você sabe sim, não minta. Você adora me provocar. É ou não é?*(Wlad se aproxima de Carla e a beija. A princípio ela resiste um pouco, mas depois se entrega).*

Carla – Você é muito cafajeste!

Wlad – Sou mesmo, assumo que sou. Assumo todos os meus defeitos. Ao contrário de você, que não assume os seus e vive se defendendo.

Carla – Você não vale nada mesmo. Bem que eu desconfiava.

Wlad – Isso não significa que você seja melhor do que eu. Posso ser cafajeste, mas eu gosto de você, tenho paixão, amor, tesão, tudo o que você possa imaginar de grandioso.

Carla – Você tem desejos por mim, só quer me levar pra cama.

Wlad – Engano seu. Lamento que você pense isso a meu respeito. Ninguém sente com tanta intensidade, com tanta verdade e tanta paixão o que eu sinto por você.

Carla – Eu jamais me casaria com você.

Wlad – E por quê?

Carla – Nós somos muito diferentes. Como água e vinho, aliás, eu a água e você vinho.

Wlad – Talvez seja isso que nos atraia.

Carla – Eu sei que existe um jogo de sedução. Eu até gosto disso, mas não dá pra ir além.

Wlad – Por que não?

Carla – Eu morreria de ciúmes. Não ia tolerar você chegar de madrugada como você gosta de fazer. Bebendo com um monte de gente, um monte de mulheres. Eu não ia aguentar isso.

Wlad – Eu levaria você comigo nesses lugares.

Carla – Mas eu não gosto disso.

Wlad – Você acha que não gosta. Você nunca experimentou. E depois, quem disse que eu não mudaria?

Carla – Você? Tá bom, conta outra.

Wlad – Por que não? Você não acredita que as pessoas possam mudar?

Carla – Você não. Você é incorrigível.

Wlad – Que absurdo! Você não fala sério.

Carla – Pensa que eu não vejo o jeito que você olha e fala com as mulheres aqui do prédio? Quando você me dá carona, basta passar uma mulher bonita pra você olhar no retrovisor.

Wlad – Meu Deus que loucura, que viagem é essa? Eu olho no retrovisor porque estou preocupado com o trânsito, só isso.

Carla – E ainda por cima é um mentiroso cara de pau.

Wlad – Eu não sabia que você reparava tanto em mim assim.

Carla – Pra você ver como sou ciumenta. É por isso que não daria certo.

Wlad – Quer dizer que você tem ciúmes de mim?

Carla – Eu não disse isso, disse apenas que sou ciumenta.

Wlad – Não precisa dizer...

Carla – Mas você é muito convencido.

Wlad – Não precisa ficar chateada. Eu também morro de ciúmes de você.

Carla – Você, ciúmes de mim?

Wlad – Eu fico louco com todos esses homens te adulando, te bajulando, te assediando.

Carla – Que homens?

Wlad – Não se faça de desentendida. Todo esse pessoal que você atende aí.

Carla – Isso são ossos do ofício, não posso fazer nada. Tenho de atendê-los, aliás, atendo muitas mulheres também. E você sabe muito bem que eu ponho limites em todos que tentam ultrapassar... Você foi o único que avançou um pouco o sinal, o único que chegou perto, sem o meu consentimento, é claro.

Wlad – Eu sei, eu sei. Conheço você muito bem, sei que você sabe se cuidar, mas mesmo assim morro de ciúmes, que eu posso fazer? *(Pausa grande, Wlad fica observando Carla, que está meio perdida em seus pensamentos)*. Você é uma ciumenta adorável... Linda... Deliciosa. Seria uma tolice você se casar com um cara que você não gosta.

Carla – É, mas agora é tarde demais. Eu vou me casar e não tem mais volta.

Wlad – Não sei não!

Carla – O que foi que você disse?

Wlad – Nada, não disse nada não. *(Wlad caminha até Carla com olhar ameaçador e ela fica assustada. Os dois se olham fixamente)*.

Carla – Wlad, eu fiz tudo o que você pediu. Já conversamos bastante, foi muito bom tudo isso, mas agora me deixa ir, você prometeu.

Wlad – Tá certo. Promessa é promessa. Só que tem um problema.

Carla – Qual o problema?

Wlad – Ficou muito tarde, é perigoso você ir agora sozinha.

Carla – Você me leva então, me dá uma carona.

Wlad – Não sei não.

Carla – Olha, Wlad, eu gosto muito de você. Nesses últimos tempos alguma coisa aconteceu e amadureceu muito a nossa relação... Está indo tudo muito bem! Não vamos estragar as coisas entre nós. Me leva embora.

Wlad – Está bem, está bem! Mas ainda falta uma coisa.

Carla – Falta o quê?

Wlad – Eu prometi pra mim mesmo, antes de vir pra cá, que você teria uma noite de verdade antes de se casar.

Carla – Wlad, para com isso. Não tem mais graça. Essa brincadeira está ficando séria demais.

Wlad – Eu não estou brincando, você vai viver esta noite o que você não viveu sua vida inteira.

Carla – Você enlouqueceu de vez.

Wlad – Eu nunca estive tão lúcido em minha vida.

Carla – Eu estou começando a ficar com medo de você. Isso está ficando perigoso e pode não acabar bem, Wlad. Vamos parar por aqui.

Wlad – Não se preocupe, confie em mim.

Carla – E o que é que você quer?

Wlad – Viver uma daquelas noites que eu cansei de te convidar e que você prometeu viver comigo, mas nunca cumpriu.

Carla – E onde é que você quer ir a esta hora?

Wlad – Não vamos a lugar algum. Vamos viver essa noite, aqui mesmo nesta sala.

Carla – Eu não estou entendendo.

Wlad – Você já vai entender. *(Wlad vai até sua bolsa e retira uma garrafa de vinho e duas taças).* Vamos beber juntos!

Carla – Você sabe que eu não bebo, nunca bebi.

Wlad – Por isso mesmo. Essa noite você vai fazer as coisas que nunca fez.

Carla – Para com isso Wlad, eu nunca bebi, posso passar mal.

Wlad – É só uma taça. Depois eu prometo que você vai embora. Fica tranquila. Não vai fazer mal.

Carla – Você está mostrando um lado seu que eu não conhecia.

Wlad – *(Enche as taças, entrega uma a Carla e faz um brinde).* A esse encontro! Que ficará em nossas memórias para sempre. *(Pausa. Bebem).* Existem muitas coisas sobre mim que você desconhece.

Carla – Por que você está fazendo tudo isso?

Wlad – Pra viver a emoção que a vida nos proporciona. A vida tem de ser vivida assim, Carla. Com emoção, com paixão, com intensidade. Temos de correr riscos, medos e se aventurar nessa imensidão que é o mundo e descobrir o que há nele... de belo e imundo.

Carla – É isso o que você quer da vida?

Wlad – É isso! Viver é caminhar lentamente em direção à morte, tentando desviar e se desencilhar das armadilhas que o mundo nos impõe. É dar um voo cego de uma grande altura pra se ter a sensação maravilhosa de voar e ficar mais perto de Deus. Sentir a brisa, ver as nuvens e a beleza do céu azul. E depois sentir a adrenalina da descida. Torcer para que o pouso seja seguro na terra, firme e que nada de ruim te aconteça aqui em baixo na queda.

Carla – *(Assustada)* Aconteceu alguma coisa com você? Eu estou te estranhando... Algum...

Wlad – Não... Não aconteceu nada de novo. Estenderam meu prazo de validade...

Carla – Você me deixou preocupada do jeito que falou.

Wlad – *(Bebe e serve Carla. Pausa longa.)* Quando eu era criança eu não tinha sonho algum. É engraçado isso... Toda criança tem um sonho, mas eu não tinha. Pelo menos eu não me lembro de ter tido. Mas uma coisa eu queria muito agora. Viver sempre como as crianças. Cercado de muita gente. A família sempre reunida, se preocupando com a gente. Todos muito felizes. Quando a gente é criança, a gente acha que todo adulto é feliz. Eu achava isso da minha família e eu também era feliz. Não tinha tudo que queria, mas tinha tudo que precisava: roupas, brinquedos. Não queria nem saber se era difícil pra eles comprarem, batia o pé, embirrava, chorava e assim conseguia o que queria. Chorei tanto pra ganhar minha bicicleta até que meu pai me deu. Hoje sinto remorso. Acho que as coisas estavam muito ruins naquela época. *(Pausa)*. Mas eu adorava aquilo... Carinho de mãe, de avó, de tia... Correr, brincar, pular, se cansar e dormir um sono tranquilo... Sonhar com coisas boas... Hoje, o que eu mais quero é ter um sono tranquilo de criança.

Carla – Quando a gente se torna adulto é difícil ter sono tranquilo.

Wlad – Eu diria que é impossível. Pelo menos pra mim. Mas não dá pra reclamar. Na adolescência e na juventude vivi tudo que pude viver. Tudo intensamente. Fiz todas as coisas que foram possíveis; boas e más. Coisas que você não fez com certeza. De repente me vi adulto, formado e com a consciência que a vida não era nada daquilo que tinha vivido. Aí, então, percebi o desafio de conquistar o mundo, a necessidade de ganhar o pão. É aí que a ficha cai e começamos a sentir o peso nos ombros. A luta pela ração diária, a disputa, o

embate, a guerra lá fora não é nada fácil. Então, a gente descobre que a humanidade não é tão boazinha assim. E isso é horrível, a descoberta da realidade. Mas a gente vai vivendo, ganhando aqui, perdendo ali e vamos tocando em frente... Daí, um belo dia o destino vem e coloca uma marca nas suas costas, como se fosse um gado. Coloca uma marca e diz: "Agora você está condenado pelo resto da sua vida. Condenado a viver preocupado. De hoje em diante você terá de se preocupar mais ainda, todos os dias com a sua vida, com a sua saúde, com sua família e não terá mais, a partir de agora, o sono tranquilo... Eu queria tanto o sono tranquilo"... Só isso... O sono tranquilo... Mas acho que não terei mais... Nunca mais.

Carla – Não seja pessimista, vai dar tudo certo. Tudo vai ficar bem, você vai ver.

Wlad – É o que eu tenho repetido todos os dias. Não se preocupe Wlad, vai dar tudo certo, vai ficar tudo bem.

Carla – É isso, tem de pensar assim.

Wlad – Mesmo porque, qual é a alternativa que me resta?

Carla – É preciso ter fé.

Wlad – Eu tenho. Uso fitinha do Bomfim, de Nossa Senhora da Aparecida, guias, santinhos, imagem do Buda e até em Papai Noel estou acreditando.

Carla – Você não existe.

Wlad – Existo sim e estou bem aqui à sua frente.

Carla – *(Pausa)* Não é só com você que as coisas acontecem. A vida é assim com todo mundo. Quando eu era criança o mundo era muito colorido pra mim, muito festivo. Adorava as festas e os almoços de domingo que haviam lá em casa. Eram muito divertidos. Mas eu tinha um sonho sim, lembro-me bem dele. Eu queria ser médica. Acho que meu instinto de proteção vem daí. Aquela roupa branca dos médicos me fascinava. Quando eu via um médico ou uma médica eu delirava, minha mente voava longe. Eu achava que médico era a coisa mais importante do mundo. Quando a gente é criança, tudo parece tão fácil. Com o tempo me desinteressei pela coisa de médico, sumiu da minha vida, nem percebi como aconteceu. Só sei que nunca mais me interessei pelo assunto. Na adolescência, só pensava em diversão, encontro com as primas, tias. Eu era tão tímida, tinha vergonha de tudo. Se algum menino chegasse perto de mim, tinha vontade de correr, de sumir. Me achava feia e esquisita. O tempo passou e quando dei por mim já estava trabalhando e namorando. Daí em diante, só trabalhei e namorei. Estudei pouco, precisava trabalhar pra ajudar em casa... O resto você já sabe, virei cem por cento família e como você diz, não vivi. Não tive muitas oportunidades de escolha, precisei me agarrar no que apareceu e assim estou até hoje. Tenho saudades daquele tempo, mas o que mais forte eu trago na lembrança é de quando ia à casa da minha avó. Ela fazia bolo de chocolate pra mim, ela me agradava muito, só ela me achava bonita, minhas tias e primas morriam de ciúmes e de raiva. Sou capaz de sentir o cheiro do bolo agora mesmo, nesse instante. Ah! Como era bom aquilo. Acho que é por isso que fiquei viciada em chocolate. *(Carla não percebe, mas está ficando embriagada)*.

Wlad – *(Acende um cigarro, começa a fumar e passa para Carla)* A minha avó morava num sítio, tinha um galinheiro lá, a gente ia lá e escolhia a galinha pra comer no almoço. Chamávamos a avó e apontávamos: “Vó, é aquela lá, olha: a gordinha carijó”. Aí minha avó ia lá, pegava a danada, levava pra varanda, pisava nas asas da coitadinha, erguia a cabeça e passava a faca no pescoço da bichinha. Ficava segurando até o sangue vazar todo numa vasilha. Depois lavava em água quente enquanto ia depenando, depois cortava e ia pra panela. A gente ficava só olhando aquele ritual com água na boca, até a hora de comer. *(Pausa)*. Engraçado isso!

Carla – O quê?

Wlad – Recordar tudo isso agora... Da minha avó... Há muito tempo que eu não me lembrava disso.

Carla – Essas lembranças são boas, fazem bem para o espírito, a gente se sente mais vivo. *(Carla vai fumando, tosse às vezes, mas dá risada da situação)*. Nossa, como cigarro é horrível! Como é que você pode gostar disso?

Wlad – Eu também não fumo, só de vez em quando, em ocasiões especiais, pra distrair.

Carla – Você faz tudo de vez em quando pra se distrair. Não sente remorso de nada não?

Wlad – Sinceramente não! Só me arrependo das coisas que não fiz.

Carla – Eu queria ser assim..., mas não consigo. Sou muito medrosa, você sabe, tenho medo de tudo, sou insegura e sensível. Eu não queria ser tão sensível assim. Minha mãe diz que dou uma de durona por fora, mas por dentro sou um cristal que quebra à toa.

Wlad – Eu descobri que a vida é breve demais. E com essa marca que carrego nos ombros agora, ela me assusta ainda mais. O medo da morte me apavora. Eu já perdi gente que eu gostava muito: pai, irmão, amigos e parentes. Tenho medo de dor